



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Maio/2005



### Análise Macroeconômica Pecuária Nacional

Variação Mensal Acumulada							
Estados	COE		COT		Boi Gordo R\$/@		Ponderações
	maio-05	Jan - mai/05	maio-05	Jan - mai/05	maio-05	Jan - mai/05	
Goiás	-0,29%	0,47%	-0,32%	0,74%	-5,38%	-13,29%	13,3%
Minas Gerais	-0,33%	6,02%	-0,61%	5,39%	-4,94%	-14,11%	13,7%
Mato Grosso	0,45%	6,74%	0,15%	5,15%	-3,76%	-11,65%	16,2%
Mato Grosso do Sul	1,03%	5,09%	1,20%	5,21%	-0,67%	-13,04%	16,4%
Pará	-0,87%	3,57%	-1,39%	2,60%	-3,68%	-10,49%	8,8%
Paraná	-0,01%	2,67%	-0,34%	2,30%	-0,78%	-10,94%	6,7%
Rio Grande do Sul	-0,12%	4,82%	-0,35%	4,29%	3,88%	-1,19%	9,6%
Rondônia	-0,01%	7,03%	1,38%	10,41%	-4,47%	-11,39%	6,2%
São Paulo	-0,07%	2,99%	-0,03%	3,57%	-3,00%	-12,04%	9,2%
Brasil*	0,06%	4,48%	0,00%	4,29%	-2,66%	-11,30%	

\* - Referente a 77,87% do rebanho nacional segundo o Rebanho Efetivo Bovino PPM / IBGE 2003.

Variação dos Principais Indicadores	
Indicadores	maio-05
IG P-M	-0,22%
Acumulado Janeiro	2,20%
Taxa de Câmbio	-3,73%

### RECUO DE ALGUNS INSUMOS INDICA CORTE DE INVESTIMENTOS

Os custos operacionais totais (COT) da pecuária bovina de corte neste mês de maio começam a dar sinais de deflação em praticamente todas as regiões, com exceção basicamente do Mato Grosso do Sul Mato Grosso e Rondônia. Surge, então, a expectativa de que esse movimento quase homogêneo indique um processo de recuperação do poder de compra do pecuarista brasileiro. Entre janeiro de 2004 e maio de 2005, os custos totais acumularam alta de cerca de 15,2%, enquanto a arroba, também na média dos nove principais Estados produtores, recuou 11,3%.

A reversão dos custos neste momento pode decorrer, portanto, da diminuição do consumo. A queda do poder de compra dos produtores os leva a postergar a aquisição de certos itens ou mesmo a reduzir o uso, pressionando uma certa diminuição dos preços. Este comportamento é o esperado no global da economia, mas quando esse raciocínio é aplicado a um setor produtivo, ele deve despertar um certo temor. As altas taxas de juros inibem o consumo de carne e valorizam a moeda nacional, fortalecendo o movimento de desvalorização da arroba.

No caso dos fatores de produção da pecuária, num primeiro momento, uma pequena redução pode estar atrelada a um consumo mais racional. No entanto, a diminuição sucessiva do uso de insumos pode significar um retrocesso das práticas produtivas. O empresário rural reduz o consumo e conseqüentemente diminui a produtividade. No longo prazo, o setor regride e perde espaço.

Esses dados de custos apurados mensalmente devem servir de alerta: em que intensidade estão sendo reduzidos os investimentos? Qual será o impacto sobre a produção em médio prazo?



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Maio/2005



O temor sobre a diminuição da demanda por insumos aumenta quando se considera que, para driblar o péssimo período que a pecuária de corte atravessa, o produtor deveria aumentar a produtividade. Com isso, teria mais fôlego para, pelo menos, se manter na atividade até que os preços da arroba retomem a via ascendente e contribuam para a lucratividade do negócio.

Contudo, aumento de produtividade requer investimentos que não estão ao alcance da maioria dos pecuaristas, que se encontra descapitalizada – conforme se constata na análise do mercado de insumos. Uma ajuda poderia vir do governo, por meio de linhas de financiamento que ajudassem a manter o nível de competitividade que a pecuária brasileira ainda apresenta.

A valorização da moeda nacional, em parte, também poderia ajudar a diminuir os custos por dar espaço a importações. Contudo, esse efeito não tem sido visto, ao contrário do que ocorre quando o Real se desvaloriza. Alguns insumos, como o aço, fosfato e petróleo (incluídos seus derivados), participam de mercados que estão aquecidos internacionalmente, tendo, de fato, aumentos em dólar que descompensam a valorização do Real. De outros, porém, seriam esperadas certas diminuições, mas a dinâmica desses mercados não tem efetivado esses repasses que favoreceriam o produtor rural. Em resumo, os efeitos positivos do enfraquecimento do dólar acabam não chegando ao mercado interno.

Por outro lado, a valorização do Real tem forte impacto negativo sobre produtos exportáveis cujos preços são formados no exterior, como é o caso da carne bovina. Considerando que os preços em dólar se mantenham estáveis, ocorre, portanto, diminuição da receita em Reais. Com isso, a demanda dos frigoríficos por boi é inibida, tendendo a se manter estável ou mesmo a recuar.

Esse cenário reforça a hipótese de que o câmbio é um dos responsáveis pelas consecutivas desvalorizações do boi gordo no mercado interno, apesar de ser difícil quantificar a intensidade e o tempo em que isso ocorre. A principal dificuldade para esse cálculo é justamente a falta de informações sobre o mix de produtos e os preços dos diversos cortes e de carne e produtos exportada. Os dados agregados não necessariamente refletem a situação real do mercado.

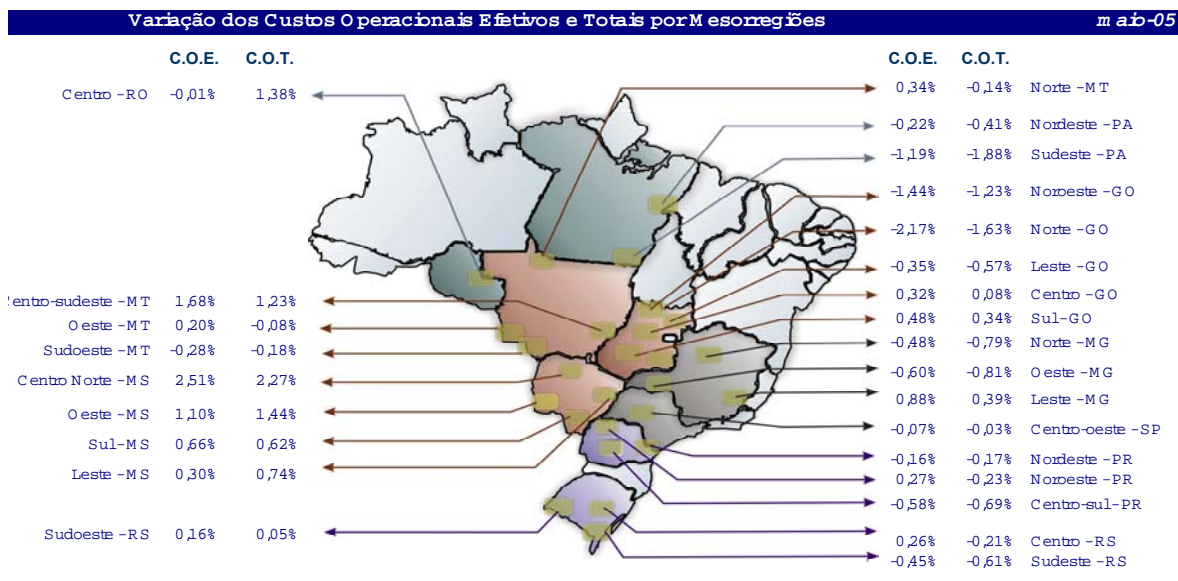
Nos próximos meses, não deve haver nenhuma grande mudança das demandas interna e externa por carne bovina e uma melhora da renda dos produtores teria que vir mesmo pelo lado dos custos. No mercado interno, há sinais de que a política monetária está conseguindo segurar a inflação, mas isso está sendo fruto da desaceleração do consumo. Os recuos dos preços do boi gordo negociados no mercado futuro (BM&F) confirmam esse pessimismo. Do final de maio para o encerramento de junho, por exemplo, o contrato outubro recuou 5%. Em relação às exportações, a taxa de câmbio para setembro está em torno de R\$ 2,46 por dólar, o que indica que o mercado também não espera modificações do patamar médio obtido com essas vendas.



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Maio/2005



### Análise Regional e por Insumos



### INSUMOS NÃO RECUAM NOS MAIORES PRODUTORES - MT E MS

Ao contrário do comportamento altista que prevaleceu nos últimos meses, em maio, os custos operacionais efetivos e totais (COE e COT) da pecuária de corte recuaram na maioria dos Estados. Apenas Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não seguiram a mesma tendência, contabilizando aumentos de 0,45% e 1%, respectivamente, dos custos efetivos. Em relação aos custos totais (incluem depreciações de maquinaria, instalações e pastagens), além desses dois Estados, também Rondônia teve aumento.

Os pequenos recuos de maio, porém, estão longe de amenizar os resultados bastante negativos que se acumulam em todos os Estados, sobretudo pela forte desvalorização do boi. A situação de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, os dois principais produtores – respondem, juntos, por um terço do rebanho bovino –, está entre as mais críticas. Só neste ano – janeiro a maio –, cada um soma aumento acima de 5% dos custos totais e recuo médio de 12% do preço da arroba.

Os principais insumos que puxaram os custos nesses Estados do Centro-Oeste foram novamente a suplementação mineral e os insumos para construção/manutenção de cercas. Já no Norte do Brasil, os principais aumentos vieram do diesel, de serviços terceirizados de desmatamento e de medicamentos em geral que, por questão de logística, podem sofrer reajustes até chegar na mão desses pecuaristas mais distantes dos laboratórios.

Depois da mão-de-obra que teve seu preço reajustado já em abril em muitas propriedades rurais, o insumo que acumulou maior aumento nos primeiros cinco meses do ano foram os itens para manutenção e construção de cercas, que representam quase que 5% dos custos operacionais totais (COT) da atividade – média nacional. A suplementação mineral, que



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Maio/2005



responde por cerca de 15% do COT, acumulou valorização de 3,6%, já incluído o aumento médio de 1,4% de abril para maio.

A majoração dos preços do sal mineral é fruto do aumento sazonal da demanda, tendo em vista a tentativa do pecuarista da região Centro-Sul do País em amenizar a perda de peso do rebanho neste período de menor oferta de forragem. Isso prova que a pecuária nacional absorveu essa tecnologia. Contudo, é importante esclarecer que, prioritariamente, deve haver oferta mínima de volumoso – ainda que de qualidade inferior em decorrência da seca e do frio – para que a suplementação tenha efeitos satisfatórios.

Diante do histórico de preços e variações dos últimos 27 meses, é possível avaliar quais os principais insumos que tiveram aumentos neste período e que mais impactaram no bolso dos produtores rurais. As sementes forrageiras são o único insumo da pecuária de corte que acumula queda de preço durante todo período de pesquisa – iniciada em março de 2003. Os preços médios desses insumos têm se mantido em baixa, o que pode estar sinalizando a falta de investimentos na pecuária – baixa demanda – em função tanto da sua descapitalização quanto do desestímulo propriamente para continuar na atividade. Desde março de 2003, o acumulado negativo dos preços é de quase 11,5%, com quedas mais acentuadas no Centro-Oeste.

A pecuária nacional é baseada em pastagens e baixos investimentos em formação e manutenção das mesmas podem comprometer a competitividade do País. Além de perder possíveis ganhos de produtividade, o pecuarista acaba sofrendo com a contínua perda de fertilidade do solo e, a cada ano, torna-se mais difícil reconstituí-la. Outro problema sério quando não são feitos os devidos manejo do rebanho e manutenção das pastagens é a erosão, responsável pela perda da camada superficial do solo, que é a mais fértil em comparação às demais.

O baixo interesse dos pecuaristas tem desanimado comerciantes de sementes forrageiras que, paulatinamente, vêm diversificando seu mercado. Pesa para esta decisão também as condições climáticas desfavoráveis nas últimas safras de sementes, que acarretaram baixa produtividade e qualidade inferior do produto. A situação das empresas de sementes é apenas um exemplo dos impactos em cadeia que a atual crise da pecuária tem gerado – ou agravado. Outro impacto bastante visível é a sondagem por parte de pecuaristas de outras atividades, com vistas a deixar ou diminuir sua atuação em corte.

Neste ano, os adubos em geral, que representam quase que 4% nos custos operacionais totais, foram os que apresentaram maior desvalorização (3,7%). Os preços no mercado internacional das matérias-primas e dos insumos indiretos necessários para sua produção aumentaram. Mas a desvalorização do dólar – 3,73% de abril para maio – e a menor demanda pelos adubos nessa época do ano favoreceram a redução nos preços. Contudo, quando comparados os preços atuais aos valores pagos em março de 2003 (nominais – sem descontar inflação), os adubos em geral tornaram-se 24% mais caros.

Com uma ponderação de quase 6% nos custos da produção pecuária, o preço do diesel teve um aumento de 1,5% em maio, quando comparado a abril, acumulando no ano alta de apenas



## Indicadores Pecuários CNA/CEPEA-USP Referente às variações de Janeiro a Maio/2005



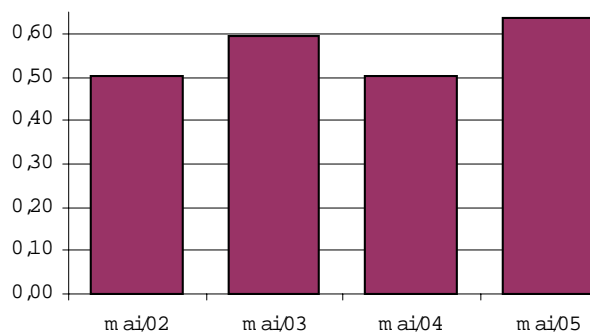
1%. Mesmo com esta relativa estabilidade nos primeiros meses do ano, ao avaliar o acumulado dos dois últimos anos (27 meses), este insumo fecha com uma valorização de quase 13%.

Diante dos atuais preços baixos do boi, a tentativa de adiar a venda à espera de recuperações pode não ser uma decisão viável economicamente por implicar em continuidade dos gastos que podem não ser compensadas pela variação da arroba. Situação diferente é a do produtor que aplica um conjunto de tecnologias de produção, administração e comercialização de modo a efetivamente aumentar a produtividade, obtendo um retorno elevado dos insumos aplicados. Note que é um quadro bem diferente daquele em que apenas um ou outro insumo é ministrado, diminuindo a sua eficiência e os retornos de produtividade. O produtor eficiente no uso de insumos, deve administrar bem os riscos comerciais. Por exemplo, somente pode pensar em reter animais para venda em outubro se o custo da arroba produzida for inferior a R\$ 58,00, e nesse caso é oportuno garantir a posição no mercado futuro.

Variações dos Preços dos Principais Insumos da Pecuária de Corte				
Média Ponderada para GO, MT, MS, PA, RO, RS, MG, PR e SP				
	Ponderações COT		Variações Acumuladas COT	
	Maio	jan/05 - mai/05	maio/05	
Diesel em áreas rurais	5,87%	1,01%	1,37%	
Lubrificantes	0,67%	2,87%	0,13%	
Adubo em geral	3,84%	-3,70%	-1,46%	
Calcáreo	1,13%	-1,13%	0,43%	
Sementes forrageiras	1,37%	0,90%	0,19%	
Suplementação Mineral	14,65%	3,58%	1,40%	
Medicamentos - Vacinas	1,48%	-2,35%	-0,92%	
Medicamentos - Controle Parasitário	1,13%	0,81%	0,21%	
Medicamentos em geral	0,74%	3,48%	1,45%	
Insumos para reprodução animal	0,60%	0,32%	0,14%	
Insumos para construção/manutenção de cercas	4,73%	5,79%	0,78%	
Construções em geral	6,86%	3,82%	1,82%	
Máquinas e implementos agrícolas	7,36%	5,68%	-2,65%	
Serviço terceirizado de desmatamento	0,92%	2,95%	1,81%	
Serviço terceirizado de máquinas pesadas	1,29%	0,49%	0,19%	
Compra de animais bezerro	9,05%	-1,82%	-1,27%	
Mão-de-obra	23,30%	15,37%	0,00%	

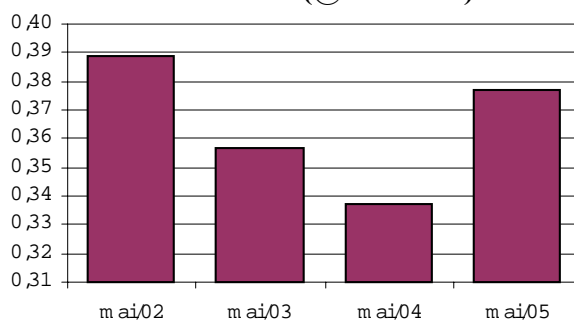
## Relação de Troca Maio de 2005 ESTADO DE SÃO PAULO

Sal Mineral (@/saco 30kg)



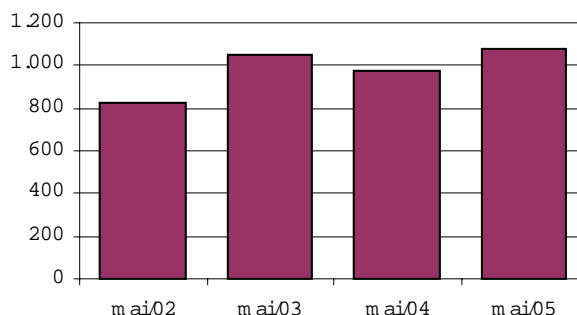
**Sal mineral:** Em maio, pelo sexto mês consecutivo, o preço da arroba do boi recuou, desta vez em 3%. Essa queda somada à alta de 2% do suplemento mineral fizeram com que o pecuarista de engorda (invernista) perdesse quase 5% de seu poder de compra no último mês frente a esse insumo. Enquanto em abril ele precisava de 0,61 arroba para a compra de um saco 30kg de sal mineral com 88g de P, em maio, essa relação foi para 0,64 arroba. Comparando-se os últimos doze meses, a perda do produtor de boi gordo é ainda maior, de 28%, já que, em maio de 2004, meia arroba era suficiente para a aquisição.

Vacina Aftosa (@/20 doses)



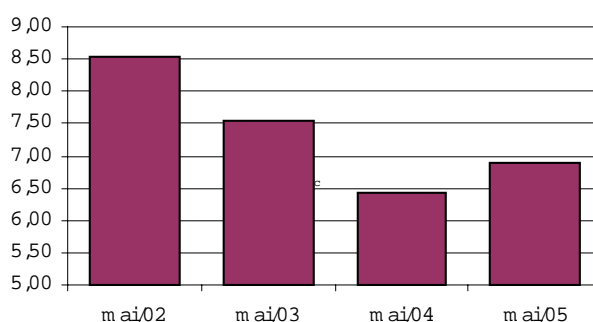
**Medicamentos:** Apesar da manutenção dos preços da vacina de febre aftosa, a relação de troca do produtor vem piorando devido às sucessivas quedas de preço do boi gordo. Considerando os últimos doze meses, o poder de compra reduziu-se em cerca de 12% e no último mês 3%. Em maio, gastou-se 0,38 arroba de boi gordo para adquirir 20 doses de vacina, enquanto no mês anterior a relação de troca se dava com 0,37 arroba e, em maio de 2004, bastava pouco menos de 0,34 arroba. Tal fato pode ser explicado pela queda de 11,35% do preço da arroba no período de maio de 2004 a maio de 2005. Maio foi mês de campanha em todo Brasil, mas os preços se mantiveram estáveis. Ocorre que, apesar de aumentar a demanda, por outro lado, cresce também a concorrência entre as lojas agropecuárias.

### Trator de 61 HP (@/trator)



**Máquinas:** A redução de 11% no preço do trator de 61 HP, de abril para maio, é resultado de promoções feitas para pequenos produtores (agricultura familiar) na Agrishow 2005 em Ribeirão Preto – SP. Esse fato repercutiu de forma positiva na relação de troca por arroba de boi. Em maio, gastaram-se 1.087 arrobas para compra do trator, que significa uma economia de 100 arrobas em relação ao mês anterior. No mesmo período do ano passado, comprava-se o produto com 970,36 arrobas. A redução no poder de compra do pecuarista no período de um ano tem como causas principais a queda de preço da arroba do boi de 11,3% e a valorização do aço.

### Bezerro (@/bezerro)



**Bezerro:** O recuo no preço do bezerro de 1,2% em maio frente a abril e de 5% em relação há 12 meses não chegou a refletir em melhoras para o invernista na reposição do rebanho. O problema continua sendo a queda do preço do boi em escala ainda maior: 3% no mês. Com isso, a relação que era de 6,44 arrobas por bezerro (8 a 12 meses, nelore) em maio de 2004 passou para 6,82 arrobas em abril de 2005 e para 6,94 arrobas em maio deste ano. Essas variações representam quedas de 1,7% no poder de compra em relação ao mês passado e de 7,8% frente ao ano passado. Nesse cenário, tanto o criador quanto o invernista vêm sendo prejudicados pelos baixos preços de seus produtos.